



E.H. Gombrich

UMA PEQUENA  
HISTÓRIA DO  
MUNDO



TRADUÇÃO DE RAQUEL MOUTA  
ILUSTRAÇÕES DE VERA TAVARES

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMIX

© 2006, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

© 1985, DuMont Literatur und Kunst Verlag  
GmbH und Co. KG, Colónia, Alemanha  
Título original alemão: *Eine kurze Weltgeschichte für junge Leser*  
que é uma versão revista do título *Weltgeschichte von der  
Urzeit bis zur Gegenwart*, de Ernst H. Gombrich, 1.<sup>a</sup> edição de 1935 por  
Steyrermühl-Verlag, Viena.

Autor: Ernst H. Gombrich  
Tradução: Raquel Mouta  
Ilustrações: Vera Tavares  
Revisão: Tinta-da-china  
Capa: Olímpio Ferreira (com adaptação)  
Composição: Vera Tavares, a partir do  
projecto original de Olímpio Ferreira

Edição de Bolso  
1.<sup>a</sup> Edição: Janeiro de 2009  
1.<sup>a</sup> Reimpressão: Março de 2009  
ISBN 978-972-8955-90-8  
Depósito Legal n.º 287039/08

*Für Ilse*

*Wie Du stets Dir's angehört*

*Also stets Dir's angehört*

*[Para Ilse*

*Como sempre o ouviste*

*Assim sempre te pertencerá]*



## Índice

PREFÁCIO	19
1 ERA UMA VEZ	25
O passado e a memória — Antes de haver pessoas — Criaturas parecidas com dragões — A Terra sem vida — O Sol sem Terra — O que é a História?	
2 OS MAIORES INVENTORES DE TODOS OS TEMPOS	29
O maxilar de Heidelberg — O Homem de Neandertal — Pré-História — O fogo — As ferramentas — Homens das cavernas — Linguagem — Pintura — Magia — A Idade do Gelo e a Idade da Pedra — Construções sobre estacas — A Idade do Bronze — Pessoas como tu e eu	
3 A TERRA JUNTO AO NILO	35
O rei Menés — Egito — Um hino ao Nilo — Faraós — Pirâmides — A religião dos antigos Egípcios — A Esfinge — Hieróglifos — O papiro — Revolução no velho reino — Reformas de Akhenaton	
4 DIAS DA SEMANA	42
A Mesopotâmia hoje em dia — As escavações em Ur — Tabuinhas de argila e escrita cuneiforme — O Código de Hamurabi — O culto das estrelas — A origem dos dias da semana — A Torre de Babel — Nabucodonosor	
5 O DEUS ÚNICO	49
Palestina — Abraão de Ur — O Dilúvio — O cativo de Moisés no Egito e o ano da fuga do Egito — Saul, David, Salomão — A divisão do reino — A destruição de Israel — Os profetas falam — O Cativo na Babilónia — O Regresso — O Antigo Testamento e a fé no Messias	

- 6 E-U S-E-I L-E-R 54  
Escrever com o alfabeto — Os Fenícios e os seus entrepostos comerciais
- 7 OS HERÓIS E AS SUAS ARMAS 56  
Os poemas de Homero — As escavações de Schliemann — Os reis piratas — Creta e o labirinto — A migração dos Dórios — Os cânticos dos heróis — As tribos gregas e as suas colónias
- 8 UMA LUTA DESIGUAL 62  
Os Persas e a sua fé — Ciro conquista a Babilónia — Cambises no Egipto — O império de Dario — A revolta dos Jónios — A primeira expedição punitiva — A segunda expedição punitiva e a Batalha de Maratona — A campanha de Xerxes — Termópilas — A Batalha de Salamina
- 9 DUAS CIDADES PEQUENAS NUMA TERRA PEQUENA 70  
Os Jogos Olímpicos — O Oráculo de Delfos — Esparta e a educação espartana — Atenas — Drácon e Sólon — A Assembleia do Povo e os tiranos — O tempo de Péricles — Filosofia — Escultura e pintura — Architectura — Teatro
- 10 O ILUMINADO E A TERRA ONDE VIVEU 77  
Índia — Mohenjo Daro, uma cidade do tempo de Ur — As migrações indianas — Línguas indo europeias — Castas — Brama e a transmigração das almas — «Isto és tu» — O Príncipe Gautama — A Iluminação — A libertação do sofrimento — Nirvana — Os seguidores de Buda
- 11 O GRANDE MESTRE DE UM GRANDE POVO 84  
A China no tempo antes de Cristo — O Imperador da China e os príncipes — O significado da escrita chinesa — Confúcio — A importância dos usos e costumes — A família — Soberano e súbdito — Lao Tsé — O Tao

- 12 A MAIOR AVENTURA DE TODAS 90  
A Guerra do Peloponeso — A Guerra de Delfos — Filipe da Macedónia — A Batalha de Queroneia — O declínio do Império Persa — Alexandre, *o Grande* — A destruição de Tebas — Aristóteles e o seu conhecimento — Diógenes — A conquista da Ásia Menor — O Nó Górdio — A Batalha de Isso — A conquista de Tiro e a conquista do Egipto — Alexandria — A Batalha de Gaugamela — A expedição à Índia — Poros — Alexandre, senhor do Oriente — A morte de Alexandre e os seus sucessores — Helenismo — A biblioteca de Alexandria
- 13 NOVAS GUERRAS E NOVOS GUERREIROS 101  
Itália — Roma e o mito da fundação de Roma — Luta entre classes — As doze tábuas da lei — O carácter dos Romanos — Os Gauleses invadem Roma — A conquista da Itália — Pirro — Cartago — A Primeira Guerra Púnica — Aníbal — A travessia dos Alpes — Quinto Fábio Máximo — Canas — O último apelo às armas — A vitória de Cipião sobre Aníbal — A conquista da Grécia — Catão — A destruição de Cartago
- 14 UM INIMIGO DA HISTÓRIA 109  
O imperador Qin Shi Huangdi — A destruição dos livros pelo fogo — Os príncipes de Qin e o nome da China — A Grande Muralha da China — A família imperial dos Han — Funcionários instruídos
- 15 SENHORES DO MUNDO OCIDENTAL 112  
Províncias romanas — Estradas e aquedutos — Legiões — Os dois Graco — Pão e circo — Mário — Os Cimbro e os Teutões — Sila — Gladiadores — Júlio César — As Guerras da Gália — Vitória na guerra civil — Cleópatra — A reforma do calendário — O assassinato de César — Augusto e o império — As artes
- 16 A BOA NOVA 120  
Jesus Cristo — Os ensinamentos de São Paulo — A cruz — São Paulo escreve aos Coríntios — O culto do imperador — Nero



— Roma em chamas — As primeiras perseguições aos Cristãos —  
As catacumbas — Tito destrói Jerusalém — A diáspora dos Judeus

- 17 A VIDA DENTRO DO IMPÉRIO E NAS SUAS FRONTEIRAS 126  
Casas pobres e casas ricas — Termas — O Coliseu — Os Germanos  
— Armínio e a Batalha da Floresta de Teutoburgo — O *Limes* —  
Os soldados e os deuses que eles adoravam — As expedições de  
Trajano à Dácia — As batalhas de Marco Aurélio junto a Viena —  
Imperadores-guerreiros — O declínio de Roma — A expansão do  
cristianismo — As reformas de Diocleciano — A última perseguição  
aos Cristãos — Constantino — A fundação de Constantinopla —  
A divisão do império — O cristianismo torna-se a religião oficial  
do Estado
- 18 A TEMPESTADE 133  
Os Hunos — Os Visigodos — As migrações — Átila — Leão,  
*o Grande* — Rómulo Augústulo — Odoacro e o fim da Antiguidade  
— Os Ostrogodos e Teodorico — Ravena — Justiniano —  
O Corpo de Leis Cíveis de Justiniano e Santa Sofia — O fim dos  
Godos — Os Lombardos
- 19 O PRINCÍPIO DA NOITE ESTRELADA 140  
«A Idade das Trevas»? — Crença e superstição — Estilitas —  
Benedictinos — A salvaguarda da herança da Antiguidade —  
A importância dos mosteiros do Norte — O baptismo de Clóvis —  
O papel do clero no reino merovíngio — Bonifácio
- 20 NÃO HÁ DEUS SENÃO ALÁ, E MAOMÉ É O SEU PROFETA 146  
O Deserto da Arábia — Meca e a Caaba — As origens e a vida de  
Maomé — Perseguição e fuga — Medina — A guerra contra Meca  
— O último sermão — A conquista da Palestina, da Pérsia e do  
Egipto — O incêndio da Biblioteca de Alexandria — O cerco de  
Constantinopla — As conquistas do Norte de África e da Hispânia  
— As Batalhas de Tours e de Poitiers — A cultura árabe —  
Os algarismos árabes

- 21 UM CONQUISTADOR QUE SABIA GOVERNAR 155  
Os Merovíngios e os seus administradores — O reino dos Francos —  
— As batalhas de Carlos Magno na Gália, Itália e Hispânia —  
Os Ávaros — Batalhas contra os Saxões — As canções dos heróis —  
A coroação do imperador — Os embaixadores de Harun al-Rachid —  
— A divisão e o declínio do império carolíngio — Svatopluk —  
Os Vikings — Os reinos dos Normandos
- 22 A LUTA PELO DOMÍNIO DA CRISTANDADE 162  
O Oriente e o Ocidente na época carolíngia — O desabrochar da  
cultura na China — A invasão magiar — O rei Henrique — Otto,  
*o Grande* — A Áustria e a família dos Babenberg — O feudalismo  
e a servidão — Hugo Capeto — Os Dinamarqueses em Inglaterra —  
Nomeações religiosas — A Controvérsia da Investidura — Gregório  
VII e Henrique IV — Canossa — Robert Guiscard e Guilherme,  
*o Conquistador*
- 23 CAVALEIROS CAVALHEIRESCOS 170  
Cavaleiros e cavalaria — Castelos — Servos — Pagens, escudeiros  
e cavaleiros — Os deveres de um cavaleiro — Trovadores — Torneios  
— Poesia cavaleiresca — A *Canção dos Nibelungos* — A Primeira  
Cruzada — Godofredo de Bouillon e a conquista de Jerusalém —  
A importância das cruzadas
- 24 IMPERADORES NA IDADE DA CAVALARIA 177  
Frederico Barbarossa — A troca directa e a economia monetária —  
Cidades italianas — O império — A resistência e a derrota de  
Milão — O banquete de Mainz em que se armaram cavaleiros —  
A Terceira Cruzada — Frederico II — Guelfos e Guibelinos  
— Inocêncio III — A Magna Carta — Os soberanos da Sicília —  
O fim dos Hohenstaufen — Gengis Khan e a invasão mongol —  
A ausência de um imperador e a lei do mais forte — A lenda de  
Kyffhäuser — Rodolfo de Habsburgo — Vitória sobre Otocar —  
Estabelece-se o poder da Casa dos Habsburgos

- 25 CIDADES E BURGUESES 189  
Mercados e cidades — Mercadores e cavaleiros — Guildas —  
A construção de catedrais — Frades mendicantes e pregadores da  
penitência — A perseguição dos Judeus e dos hereges — O Cativoiro  
Babilónico dos Papas — A Guerra dos Cem Anos em Inglaterra —  
Joana D'Arc — A vida na corte — Universidades — Carlos IV e  
Rodolfo, *o Fundador*
- 26 UMA NOVA ERA 197  
Os burgueses de Florença — Humanismo — O renascimento da  
Antiguidade — O florescimento da arte — Leonardo da Vinci —  
Os Medici — Os papas do Renascimento — Novas ideias na  
Alemanha — A arte da impressão — Pólvora — A queda de Carlos,  
*o Temerário* — Maximiliano, o último cavaleiro — Mercenários  
— As guerras da Itália — Maximiliano e Dürer
- 27 UM NOVO MUNDO 206  
A bússola — Espanha e a conquista de Granada — Colombo e  
Isabel — A descoberta da América — A Idade Moderna — O destino  
de Colombo — Os conquistadores — Fernando Cortez — México  
— A queda de Montezuma — Os Portugueses na Índia
- 28 UMA NOVA FÉ 215  
A construção da Igreja de São Pedro — As teses de Lutero —  
O precursor de Lutero, João Huss — A queima da bula papal —  
Carlos V e o seu império — A pilhagem de Roma — A Dieta de  
Worms — Lutero em Wartburg — A tradução da Bíblia — Zwingli  
— Calvino — Henrique VIII da Inglaterra — As conquistas turcas  
— A divisão do império
- 29 A IGREJA EM GUERRA 223  
Inácio de Loyola — O Concílio de Trento — A Contra-Reforma —  
O Massacre do Dia de S. Bartolomeu — Filipe de Espanha —  
A Batalha de Lepanto — A revolta dos Países Baixos — Isabel de  
Inglaterra — Mary Stuart — O naufrágio da Armada Invencível

— Entrepósitos comerciais ingleses na América — As Companhias das Índias Orientais — O princípio do Império Britânico

- 30 TEMPOS TERRÍVEIS 229  
A Defenestração de Praga — A Guerra dos Trinta Anos — Gustavo Adolfo — Wallenstein — A paz de Vestefália — A devastação da Alemanha — A perseguição das bruxas — O nascimento de um entendimento científico do mundo — As leis da natureza — Galileu e o seu julgamento
- 31 UM REI AZARADO E UM REI SORTUDO 236  
O rei da família Stuart, Carlos I — Cromwell e os Puritanos — A ascensão da Inglaterra — O ano da Gloriosa Revolução — A prosperidade da França — As políticas de Richelieu — Mazarin — Luís XIV — O levantar do rei — Versalhes — Fontes de riqueza do Governo — A miséria dos camponeses — Guerras predatórias
- 32 ENTRETANTO, NO LESTE DA EUROPA... 243  
Conquistas turcas — Insurreição na Hungria — O cerco de Viena — Jan Sobieski e a libertação de Viena — Príncipe Eugénio — Ivan, *O Terrível* — Pedro, *o Grande* — A fundação de São Petersburgo — Carlos XII da Suécia — A cavalgada para Stralsund — A expansão do poderio russo
- 33 UMA ERA MESMO NOVA 251  
O Iluminismo — Tolerância, razão e humanidade — Crítica do Iluminismo — A ascensão da Rússia — Frederico, *o Grande* — Maria Teresa — O exército prussiano — A Grande Coligação — A Guerra dos Sete Anos — José II da Áustria — A abolição da escravatura — Reformas apressadas — A Guerra da Independência da América — Benjamin Franklin — Direitos humanos e escravos negros
- 34 UMA REVOLUÇÃO MUITO VIOLENTA 259  
Catarina, *a Grande* — Luís XV e Luís XVI — A vida na corte —

Justiça e a nobreza latifundiária — O Rococó — Maria Antonieta — A convocação dos Estados Gerais — A invasão da Bastilha — A soberania do povo — A Assembleia Nacional — Os Jacobinos — Aguilhotina e o Tribunal Revolucionário — Danton — Robespierre — O Reinado do Terror — A condenação do rei — A derrota dos estrangeiros — Razão — O Directório — As repúblicas vizinhas

- 35 O ÚLTIMO CONQUISTADOR 267  
Napoleão na Córsega — A ida para Paris — A conquista de Itália — A expedição ao Egipto — O golpe de Estado — O consulado e o Código Napoleão — O imperador dos Franceses — Vitória em Austerlitz — O fim do Sacro Império Romano-Germânico — Francisco I da Áustria — O Bloqueio Continental — Vitória sobre a Rússia — Espanha e a resistência espanhola — Aspern e Wagram — A insurreição alemã — O grande exército — A retirada de Moscovo — A Batalha de Leipzig — O Congresso de Viena — Napoleão regressa de Elba — Waterloo — Santa Helena
- 36 HOMENS E MÁQUINAS 280  
A época do cidadão de classe média — Motores a vapor, barcos a vapor, locomotivas, o telégrafo — Máquinas rotativas e teares mecânicos — Carvão e ferro — Luditas — Ideias socialistas — Marx e a teoria da luta de classes — Liberalismo — As revoluções de 1830 e 1848
- 37 DO OUTRO LADO DO MAR 289  
A China antes de 1800 — A guerra do ópio — A Revolução Taiping — A submissão da China — O Japão em 1850 — A revolução de apoio ao *mikado* — A modernização do Japão com ajuda externa — A América depois de 1776 — Os estados escravagistas — O Norte — Abraham Lincoln — A Guerra Civil
- 38 DOIS NOVOS ESTADOS NA EUROPA 297  
A Europa depois de 1848 — O imperador Francisco José e a Áustria — A Confederação Germânica — A França sob Napoleão III —

A Rússia — O declínio da Espanha — A libertação dos povos dos Balcãs — A luta por Constantinopla — O reino da Sardenha — Cavour — Garibaldi — Bismarck — A reforma do exército à revelia da Constituição — A Batalha de Königgrätz — Sedan — A fundação do Império Alemão — A Comuna de Paris — As reformas sociais de Bismarck — A destituição do Chanceler de Ferro

39 A DIVISÃO DO MUNDO

306

Indústria — Mercados e fontes de matérias-primas — Grã-Bretanha e França — A Guerra Russo Japonesa — Itália e Alemanha — A corrida à mobilização — A Áustria e o Oriente — O desencadear da Primeira Guerra Mundial — Novas armas — Revolução na Rússia — A intervenção dos Americanos — Os termos da paz — Progresso científico — Fim

40 UMA PEQUENA PARTE DA HISTÓRIA DO MUNDO

QUE EU PRÓPRIO VIVI: OLHAR PARA TRÁS

316

O crescimento da população mundial — A derrota das potências da Europa Central durante a Primeira Guerra Mundial — incitamento das massas — O desaparecimento da tolerância da vida política na Alemanha, Itália, Japão e União Soviética — Crise económica e começo da Segunda Guerra Mundial — Propaganda e realidade — O genocídio dos Judeus — A bomba atómica — As bênçãos da ciência — O colapso do sistema comunista — O esforço de ajuda internacional como fonte de esperança

O AUTOR

341



## Era uma vez



Todas as histórias começam com «Era uma vez». A nossa história também vai começar assim. Ainda deves lembrar-te de quando eras tão pequeno que mal conseguias chegar com a cabeça à mão da tua mãe, mesmo em bicos de pés. Lembraste desse tempo? A história da tua vida podia começar assim: «Era uma vez um menino» — ou uma menina — «e esse menino era eu». Mas antes disso, eras um bebé de berço. Não deves lembrar-te disso, mas sabes que é verdade. O teu pai e a tua mãe também já foram pequenos, assim como o teu avô e a tua avó, há muito mais tempo atrás, mas tu também sabes disso. Até dizemos que eles são velhos. Só que eles também tiveram avôs e avós e também poderiam dizer: «Era uma vez». Assim se anda para trás no tempo, para um passado cada vez mais distante. Por trás de cada «Era uma vez», há sempre outro. Já alguma vez te puseste entre dois espelhos? É engraçado. Vê-se uma longa linha de espelhos brilhantes, cada vez mais pequenos, que se prolongam até ao horizonte, cada vez menos nítidos, de forma que nunca se chega a ver o último. Mesmo que não dê para ver mais nenhum, sabe-se que os espelhos estão lá, uns atrás dos outros.

É isso que se passa com o «Era uma vez». Não se consegue ver onde acaba. O avô do avô do avô do avô... Até põe a cabeça à roda. Mas se repetires devagar, consegues ficar com uma ideia. Então, junta mais um avô. Depressa se vai para o passado e, daí, para o passado distante. Só que nunca se consegue chegar



ao princípio porque, por trás de cada princípio, existe sempre outro «Era uma vez».

É como um poço sem fundo. Olhar lá para baixo deixa-te a cabeça à roda? A mim, deixa. Vamos então pôr um bocado de papel a arder e deixá-lo cair nesse poço. O papel vai caindo devagarinho, descendo cada vez mais. À medida que cai, o papel vai iluminando as paredes do poço. Consegue ver? O papel vai descendo cada vez mais. Agora já está tão fundo que parece uma estrela minúscula nas profundezas escuras. Cada vez fica mais pequeno e mais pequeno... e desaparece.

A nossa memória é como este bocado de papel. É com ela que nós iluminamos o passado. Primeiro, o nosso próprio passado e depois pedimos a pessoas mais velhas para nos contarem aquilo de que se lembram. Em seguida, tentamos encontrar cartas escritas por pessoas que já morreram. Dessa maneira, iluminamos o nosso caminho para trás. Há edifícios que só servem para guardar velhos pedaços de papel em que as pessoas escreveram no passado, e que se chamam arquivos. Nesses edifícios, estão cartas que foram escritas há centenas de anos. Uma vez encontrei num arquivo uma carta que dizia só isto: «Querida Mamã, ontem comemos umas trufas deliciosas, beijinhos do Guilherme». O Guilherme era um pequeno príncipe que viveu em Itália há quatrocentos anos. As trufas são um tipo especial de cogumelos.

Só conseguimos ver as coisas de relance, porque a nossa luz cai cada vez mais depressa: mil anos... cinco mil anos... dez mil anos. Mesmo nessa época havia crianças que gostavam de comer coisas boas. Ainda não sabiam era escrever cartas. Vinte mil... cinquenta mil... e mesmo nessa altura as pessoas diziam, como nós, «Era uma vez». A nossa memória-luz está a ficar cada vez mais pequena... e desaparece. Sabemos que ela continua a cair, para um tempo muito mais distante, quando ainda não havia pessoas e as montanhas eram diferentes. Algumas eram mais altas, mas com a chuva foram-se transformando em colinas. Outras montanhas nem sequer existiam. Foram ficando

cada vez mais altas, saindo devagarinho do mar, ao longo de milhões e milhões de anos.

No entanto, ainda antes das montanhas havia animais, muito diferentes dos que há hoje em dia. Eram gigantes e pareciam dragões. E como é que nós sabemos disso? Às vezes, encontram-se ossos desses animais, em camadas fundas do chão. Quando eu era pequeno vivia em Viena e costumava visitar o Museu Nacional de História. Adorava ficar a olhar para o esqueleto de uma criatura gigante chamada Diplodoco. É um nome estranho, mas a criatura ainda era mais estranha. Não cabia num quarto, nem em dois. Era da altura de uma árvore muito alta e tinha uma cauda do tamanho de meio campo de futebol. Imagina só o barulho que devia fazer quando andava pela floresta primitiva a comer!

Ainda não chegámos ao princípio. É preciso andar muito mais tempo para trás, milhares de milhões de anos. É fácil de dizer, mas pára um bocado para pensar. Sabes quanto tempo dura um segundo? Dura o tempo que se leva a contar: um, dois, três. E quanto tempo duram mil milhões de segundos? Trinta e dois anos! Agora tenta imaginar mil milhões de anos! Nesse tempo, não havia animais gigantes, só criaturas parecidas com caracóis e minhocas. Antes disso, nem plantas havia. A Terra inteira era um vazio sem forma. Não havia nada. Nem uma árvore, nem um arbusto, nem uma folha de erva, nem uma flor, nada de verde. Só um deserto de pedras e o mar. Um mar vazio, sem peixes, sem conchas nem algas. Mas experimenta ouvir as ondas... o que é que elas dizem? «Era uma vez...» Era uma vez uma Terra que se calhar não passava de uma nuvem densa de gás e poeira parecida com aquelas nuvens muito maiores que hoje em dia vemos pelos nossos telescópios. Durante biliões e triliões de anos, sem rochas, sem água, nem vida, essa nuvem densa de gás e poeira rodou à volta do Sol. E antes disso? Antes disso, nem o Sol, o nosso querido Sol, existia. Só havia estrelas gigantes estranhas e espectaculares e corpos celestes mais pequenos, a rodopiar no meio das nuvens de gás num universo sem fim.

## Dias da Semana



Existem sete dias na semana. Não é preciso lembrar os nomes desses dias porque toda a gente os sabe. Mas será que fazes ideia de onde e quando é que os dias passaram a ter um nome? Ou quem foi o primeiro a ter a ideia de os organizar em semanas, para que não passassem uns atrás dos outros, sem nome nem ordem, como acontecia para os homens da Pré-História? Não foi no Egipto, mas noutra país também muito quente, onde, em vez de um rio, havia dois: o Tigre e o Eufrates. Como a parte mais importante desse país se encontrava entre os dois rios, o país chamava-se Mesopotâmia, o que em grego significa terra «entre os rios». A Mesopotâmia não se situava em África, mas na Ásia, só que não estava muito longe da nossa parte do mundo, numa região chamada Médio Oriente, num país a que hoje chamamos Iraque. Os rios Tigre e Eufrates juntam-se e depois desaguam no golfo Pérsico.

Imagina uma planície enorme, atravessada por estes dois rios. Uma terra quente, com pântanos e enchentes repentinas. Aqui e acolá, no meio da planície, há alguns montes. Quem lá escavar descobre que não são nada montes. Primeiro, encontram-se muitos tijolos e cascalho, e, quando se escava mais fundo, acaba-se por encontrar muralhas altas e robustas. Na realidade, estes montes são cidades em ruínas, com ruas longas e direitas, casas, palácios, templos altos. Só que, ao contrário dos templos e das pirâmides de pedra dos Egípcios, foram construídas com tijolos cozidos ao sol que se partem e

desfazem com o passar do tempo, e acabam por transformar-se em grandes amontoados de cascalho.

Um desses amontoados, que se ergue no deserto, é tudo o que sobra da Babilónia, que chegou a ser a cidade mais grandiosa da Terra, uma cidade que fervilhava com pessoas vindas de todos os cantos do mundo para lá comerciarem os seus produtos. Mais para perto da nascente dos rios, no sopé das montanhas, havia outra cidade. Era Nínive, a segunda maior cidade da Terra. A Babilónia era a capital dos Babilónios — o que é fácil de memorizar — e Nínive era a dos Assírios.

Ao contrário do Egipto, era raro a Mesopotâmia ser governada por um rei só. Lá não houve nenhum império que se aguentasse durante muito tempo com fronteiras certas. Houve muitas tribos e muitos reis que estiveram no poder em alturas diferentes. As tribos mais importantes foram os Sumérios, os Babilónios e os Assírios. Durante muito tempo, pensou-se que os Egípcios foram o primeiro povo a ter o que se chama cultura: cidades e comerciantes, nobreza e reis, templos e sacerdotes, administradores e artistas, escrita e conhecimentos técnicos.

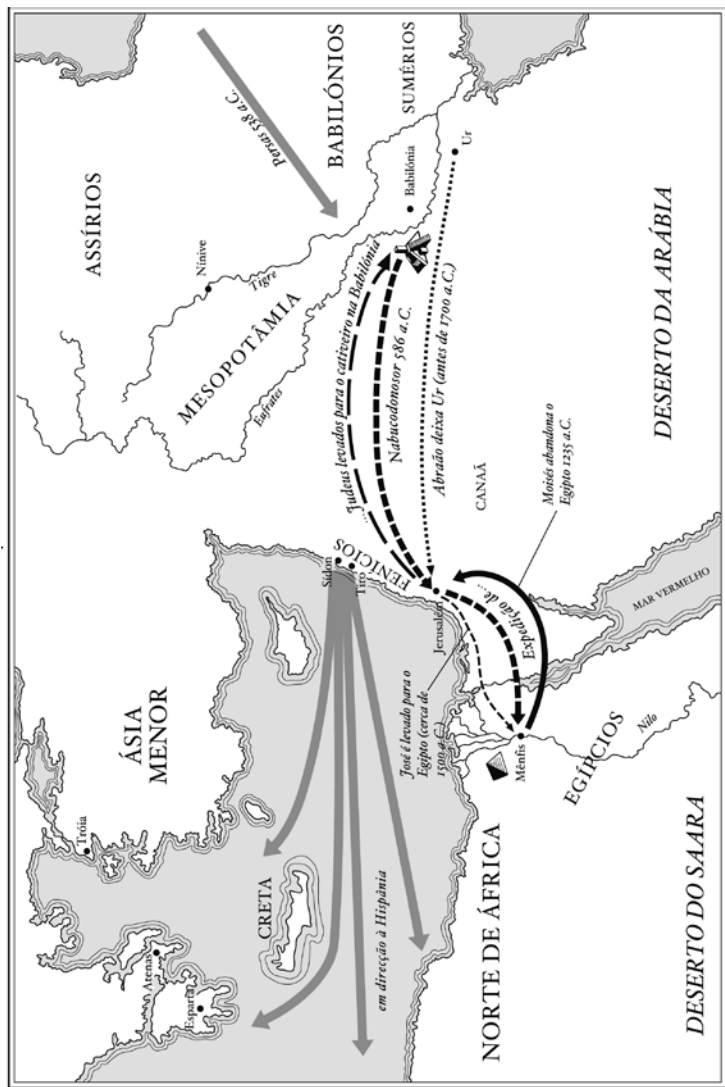
Hoje em dia sabe-se que, em certos aspectos, os Sumérios eram mais avançados do que os Egípcios. As escavações realizadas naqueles montes de cascalho nas planícies junto ao golfo Pérsico revelaram que as pessoas que lá viveram já sabiam fazer tijolos de barro e construir casas e templos por volta de 3100 a.C. Bem no interior de um dos montes mais altos, descobriram-se as ruínas da cidade de Ur, onde, segundo a Bíblia, nasceu Abraão. Também se descobriram muitos túmulos que parecem ser da mesma época da Grande Pirâmide de Quéops, no Egipto. Ao contrário dessa pirâmide, estes túmulos estavam cheios de tesouros extraordinários. Toucados de ouro maravilhosos e vasos de ouro para sacrifícios, elmos e adagas de ouro incrustados com pedras semipreciosas. Harpas magníficas decoradas com cabeças de touro e — não vais acreditar — um tabuleiro de jogo, muito bem feito e parecido com um tabuleiro de xadrez. O explorador que desco-

briu estes tesouros levou grande parte deles para Inglaterra, onde ainda hoje é possível admirá-los no Museu Britânico. Há outros que estão na Universidade da Pensilvânia e no Museu de Bagdade, no Iraque.

Nesses túmulos, também se encontraram sinetes e placas de argila com inscrições. Só que as inscrições não eram feitas em hieróglifos, mas numa escrita completamente diferente que, para além de tudo o resto, era ainda mais difícil de decifrar. Em vez de imagens, as placas apresentavam traços realizados com uma incisão única e distinta, rematada por um pequeno triângulo ou cunha. Esta escrita chama-se *cuneiforme*, o que quer dizer em forma de cunha. Os habitantes da Mesopotâmia desconheciam os livros feitos de papiro. Escreviam estes sinais em placas de argila húmida, que depois era cozidas em fornos. Houve um grande número destas placas antigas que foram descobertas, e algumas delas contam histórias longas e maravilhosas, como a do herói Gilgamesh e das batalhas que travou com monstros e dragões. Há outras placas em que os reis se vangloriam dos seus feitos: os templos que construíram para toda a eternidade e todas as nações que conquistaram.

Também se descobriram placas em que os mercadores anotavam as trocas comerciais — contratos, recibos e inventários de bens — e graças a elas ficámos a saber que, antes dos Babilónios e dos Assírios, já os antigos Sumérios eram grandes comerciantes. Os mercadores sumérios tinham facilidade em fazer cálculos e sabiam muito bem qual era a diferença entre o legal e o ilegal.

Um dos primeiros reis babilónios a governar sobre toda a região deixou uma longa e importante inscrição, gravada em pedra. É o livro de leis mais antigo do mundo e chama-se Código de Hamurabi. O nome pode parecer ter sido tirado de um livro de contos, mas as leis nada têm de fabuloso, são rígidas e justas. Por isso, vale a pena lembrar quando viveu o rei Hamurabi: cerca de 1700 a.C., quer dizer, há cerca de 3700 anos atrás.



**I** Foi nesta parte do mundo, entre a Mesopotâmia e o Egípcio, que teve início a história da humanidade, com batalhas sangrentas e viagens arriscadas dos navios mercantes fenícios. À medida que fores lendo os próximos capítulos, podes voltar atrás para observar este mapa.

## O princípio da noite estrelada



Se calhar até concordas que as migrações de povos foram uma espécie de tempestade de relâmpagos, mas talvez fiques surpreendido ao ouvir-me dizer que a Idade Média foi como uma noite estrelada. Deixa-me explicar. Já alguma vez ouviste as pessoas falar da Idade das Trevas? É o nome que se dá ao período que se seguiu à queda do Império Romano, quando eram muito poucas as pessoas que sabiam ler ou escrever e quase ninguém sabia o que se passava no mundo. Por causa disso, as pessoas adoravam contar umas às outras toda a espécie de histórias estranhas e maravilhosas e eram muito supersticiosas. A época também era de «trevas» porque as casas eram muito pequenas e escuras, e porque as ruas e estradas que os Romanos tinham construído estavam em declínio e deterioradas, e os acampamentos e as cidades se tinham transformado em ruínas cobertas de ervas. Aquelas boas leis romanas foram esquecidas e as belas estátuas gregas ficaram reduzidas a estilhaços. Tudo isto é verdade e, no fundo, não é de espantar, por causa daquelas agitações terríveis e dos anos de guerra das migrações.

Só que nem tudo eram trevas, havia mais coisas. Aquele tempo pareceu-se mais com uma noite estrelada. Acima de todo o medo e incerteza, em que as pessoas ignorantes viviam como crianças no escuro — com medo de bruxas e feiticeiros, do Diabo e de espíritos malévolos —, acima de tudo isso havia um céu iluminado pelas estrelas de uma nova fé, que lhes mostrava o caminho. Assim como não te perdes com tanta facilidade na

floresta se conseguireis ver as estrelas da Ursa Maior e a Estrela Polar, as pessoas também já não se sentiam perdidas, por muito que tropeçassem no escuro. As pessoas passaram a ter certeza de uma coisa: Deus deu alma aos homens, e aos olhos de Deus eram todos iguais, tanto os pedintes como os reis. Isso queria dizer que já não podia haver escravos, que os seres humanos já não podiam ser tratados como coisas. Esse Deus único e invisível, criador do mundo, que com a sua misericórdia salvava a humanidade, pedia que as pessoas fossem bondosas. Claro que, naquela época, não havia só pessoas boas. Havia tantos guerreiros cruéis, selvagens, brutais e impiedosos em Itália como nas terras onde viviam os povos germânicos, que tinham um comportamento traiçoeiro, impiedoso e sanguinário. Só que quem se comportava assim nesta época ficava com uma consciência mais pesada do que no tempo dos Romanos. As pessoas sabiam que estavam a ser malvadas e recebavam a ira de Deus.

Havia muita gente que queria viver em completo acordo com a vontade de Deus. Deixavam a agitação das cidades e das multidões, onde havia sempre a tentação para fazer o mal, e, como os eremitas da Índia, retiravam-se para o deserto para rezar e fazer penitência. Essas pessoas foram os primeiros monges cristãos. Começaram por aparecer a oriente, no Egipto e na Palestina. Para muitos deles, o mais importante era fazer penitência. Aprenderam algumas coisas sobre isso com aqueles sacerdotes indianos que, como te deves lembrar, tinham formas especiais de se torturar a si próprios. Alguns desses monges sentavam-se no cimo de pilares enormes no centro das cidades, onde, mal se mexendo, passavam a vida a meditar sobre os pecados da humanidade. O pouco que comiam tinha de ser içado num cesto. Sentavam-se nos pilares, acima de toda a confusão, na esperança de ficarem mais próximos de Deus. As pessoas chamavam-lhes Estilitas, o que quer dizer santos dos pilares (da palavra grega *stylos*, que significa pilar).

No Ocidente, em Itália, havia um homem santo que, como Buda, não conseguia encontrar paz interior na vida solitária dos



ascetas. Era um monge de nome Bento, que quer dizer o Abençoado. Estava convencido de que Cristo não queria só penitência. Não basta ser-se bom, é preciso fazer o bem. Para se fazer o bem, de nada serve estar sentado em cima de um pilar. É preciso trabalhar. Por isso, o lema de Bento era: rezar e trabalhar. Formou uma comunidade com mais alguns monges que pensavam como ele e pôs em prática esta regra. Este tipo de comunidade monástica costuma chamar-se Ordem, e a de Bento foi baptizada com o seu nome, a Ordem dos Beneditinos. Estes monges viviam em mosteiros e quem se quisesse tornar membro da Ordem para o resto da vida tinha de fazer três votos: não possuir nada; não se casar; e obedecer ao superior do mosteiro, o abade, em todas as coisas.

Depois de fazer os votos, os monges não só rezavam — embora se levassem muito a sério as preces e se celebrasse missa várias vezes ao dia — como também se esperava que praticassem o bem. Só que, para isso, era preciso ter alguma capacidade ou conhecimento. Por esta razão, os monges beneditinos foram as únicas pessoas daquela época a preocuparem-se com o pensamento e as descobertas da Antiguidade. Reuniram todos os rolos e manuscritos antigos que conseguiram encontrar para poderem estudá-los e faziam cópias para que outras pessoas também os pudessem ler. Durante muitos anos seguidos, encheram as páginas de volumes de pergaminho espesso com caligrafia fina e fluida, copiando não só bíblias e vidas de santos, mas também poemas gregos e latinos antigos. Se não fosse pelo esforço destes monges, hoje em dia pouco conheceríamos desses poemas. Para além disso, copiavam com afã e vezes sem conta obras da Antiguidade sobre ciências naturais e agricultura e tinham muito cuidado para não cometer erros. Depois da Bíblia, o que mais lhes interessava era saber cultivar bem a terra, para conseguirem plantar cereais e fazer pão, não só para eles mas também para as pessoas pobres. Naqueles tempos sem lei, as estalagens que antes existiam ao longo dos caminhos quase tinham desaparecido, e quem se atrevesse a viajar tinha de procurar abrigo

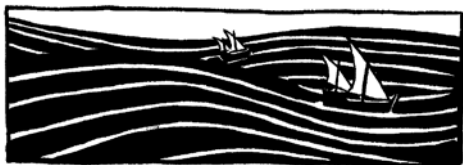
num mosteiro. Os viajantes eram bem recebidos nesses sítios. Lá reinava o silêncio, o trabalho e a contemplação. Além disso, os monges davam aulas às crianças que viviam perto do mosteiro. Ensinavam-nas a ler e a escrever, a falar latim e a entender a Bíblia. Naquela época, os poucos mosteiros que havia eram os únicos sítios em que se ensinava e transmitia o conhecimento e, assim, a memória do pensamento grego e romano não desapareceu por completo.

Não era só em Itália que havia mosteiros destes. Os monges gostavam de construir os mosteiros em sítios ermos, longe das cidades, onde pudessem pregar o Evangelho, educar as pessoas e dar uso aos terrenos das florestas para cultivo. Muitos dos primeiros mosteiros foram construídos na Irlanda e em Inglaterra que, por serem ilhas, sofreram menos com a tempestade das migrações. Houve tribos germânicas que também se instalaram lá, como os Anglos e os Saxões, e a cristandade enraizou-se muito cedo nesses países.

Depois, os monges começaram a deslocar-se das Ilhas Britânicas para os reinos da Gália e da Germânia; pelo caminho, iam pregando e ensinando as pessoas. Ainda havia muitos germanos por converter, apesar de o líder mais poderoso desse povo ser cristão, nem que fosse só de nome. Chamava-se Clóvis e era da família merovíngia. Aos quinze anos tornou-se rei dos Francos e, com uma mistura de coragem, intriga e assassinato, conseguiu juntar e dominar metade da Germânia e grande parte do que hoje se chama França, que tem esse nome por causa da tribo a que ele pertencia.

Em 496, Clóvis foi batizado e mandou baptizar as pessoas da sua tribo, se calhar porque pensava que o deus cristão era um demónio poderoso que o havia de ajudar a atingir a vitória. Clóvis não era devoto. Os monges ainda tinham muito trabalho por fazer na Germânia, e, no fundo, acabaram por fazer imensas coisas. Fundaram mosteiros e ensinaram os Francos e os Alamanos a cultivar frutos e vinhas; provaram assim aos guerreiros bárbaros que a vida não era só força bruta e actos de valentia.

## Um novo mundo



Aquilo a que até agora chamámos história do mundo é na verdade a história de metade do mundo. A maioria dos acontecimentos de que falámos tiveram lugar à volta do Mediterrâneo: no Egipto, na Mesopotâmia, na Palestina, na Ásia Menor, na Grécia, em Itália, na Hispânia e no Norte de África, ou não muito longe dessa região, na Alemanha, em França ou em Inglaterra. Demos uma vista de olhos ao Oriente, ao bem defendido Império da China e à Índia, que no período de que agora vamos falar era governada por uma família real muçulmana. Ainda não tivemos a preocupação de olhar para o que está a oeste da velha Europa, para lá de Portugal. Ninguém se interessava por esse território. Houve uns marinheiros nórdicos que avistaram uma vez uma terra inóspita, lá muito para oeste, mas deram logo meia volta porque não devia haver lá nada que valesse a pena. Eram poucos os marinheiros intrépidos como os Vikings, e quem é que se atrevia a cruzar o oceano desconhecido e se calhar sem fim, deixando para trás as costas de Inglaterra, França, Espanha ou Portugal?

Essa empresa aventureira tornou-se possível graças a uma nova invenção, que também — e quase que acrescentava «é claro!» — teve origem na China. Descobriu-se que um pedaço de ferro magnetizado pendurado e com liberdade de movimento se virava sempre para norte. Já deves ter adivinhado de que invenção se trata: a bússola. Os Chineses já utilizavam bússolas há muito tempo nas viagens pelos desertos; a notícia da existên-

cia de um tal instrumento mágico foi difundida pelos Árabes e acabou por chegar à Europa durante as cruzadas, por volta do ano 1200. Naquela altura, era raro utilizar-se a bússola. As pessoas ficavam intrigadas e assustadas com ela. Pouco a pouco, o medo foi dando lugar à curiosidade, e às vezes até a mais do que isso. Naquelas terras distantes podia haver tesouros, riquezas por descobrir, apesar de ninguém ainda se ter atrevido a cruzar o oceano ocidental. Era muito grande e desconhecido. O que é que podia estar do outro lado?

Houve um italiano de Génova chamado Colombo que era pobre, mas aventureiro e ambicioso, passava muito tempo a ler livros de geografia antigos e estava obcecado com essa ideia. Onde é que se podia ir dar se se navegasse para ocidente? Ora, ia-se dar ao Oriente. Então a Terra não era redonda como uma esfera? Assim se dizia em vários textos da Antiguidade. Se, navegando para ocidente, se percorresse metade do mundo e se chegasse às terras do Oriente, estava-se na China, nas fabulosas Índias, terras ricas em ouro, marfim e especiarias raras. Com a ajuda de uma bússola, era muito mais simples atravessar o mar do que fazer uma viagem longa e difícil por terra, atravessar desertos e assustadoras cordilheiras de montanhas, como fizera Alexandre, *o Grande*, e como faziam ainda as caravanas para trazer sedas da China para a Europa. Com a nova rota por mar, pensava Colombo, as Índias ficavam a alguns dias de distância e não a meses, como nas viagens por terra. Falava do plano que tinha a todas as pessoas que encontrava, mas elas riam-se e chamavam-lhe louco. Só que ele continuou a insistir: «Dêem-me barcos! Dêem-me *um* barco que seja e eu volto com ouro do fabuloso Oriente!»

Colombo partiu para a Espanha. Nesse país, em 1479, uniram-se pelo casamento os soberanos de dois reinos cristãos que estavam empenhados numa campanha impiedosa para expulsar os Árabes — que, como tu sabes, reinaram na Península Ibérica durante mais de setecentos anos —, não só da magnífica cidade de Granada, mas de todo o reino. Nem a corte

real portuguesa, nem a espanhola mostraram muito entusiasmo pelo plano de Colombo, mas puseram-no à consideração de estudiosos e marinheiros da famosa Universidade de Salamanca. Passados mais quatro anos de espera desesperante e de súplicas, Colombo ficou a saber que a Universidade lhe rejeitara o plano. Resolveu abandonar Espanha e tentar a sorte em França. Pelo caminho, encontrou por acaso um monge, que era nem mais nem menos que o confessor da rainha Isabel de Castela. Entusiasmado com o projecto de Colombo, o monge convenceu a rainha a conceder-lhe uma segunda audiência. Nessa altura Colombo quase estragou a oportunidade. A recompensa que ele exigia, caso o plano resultasse, não era pequena: queria ser armado cavaleiro, nomeado grande almirante e vice-rei (representante do rei) de todas as terras que descobrisse, ficar com um décimo de todos os impostos cobrados nessas terras, e muitas coisas mais. Como os monarcas espanhóis lhe recusaram o pedido, Colombo deixou Espanha e partiu logo para França. Se descobrisse terras, estas passariam a pertencer ao rei francês, hipótese que assustou Espanha. Os monarcas acabaram por ceder e voltaram a chamar Colombo. Aceitaram todas as exigências. Deram-lhe dois navios em más condições — não se perderia grande coisa caso se afundassem. Colombo alugou um terceiro.

Lá zarpou ele em direcção a ocidente, determinado a chegar às Índias Orientais. Partiu de Espanha a 3 de Agosto de 1492, mas teve de permanecer durante muito tempo numa ilha a reparar um dos navios. Depois voltou a partir e a avançar cada vez mais para ocidente... Só que continuava a não avistar as Índias! Os homens começaram a ficar impacientes. A impaciência transformou-se em desespero e eles quiseram voltar para trás. Colombo mentiu-lhes quanto à distância a que estavam de casa. Por fim, a 11 de Outubro de 1492, às duas da manhã, dispararam um canhão de um dos navios para avisar «Terra à vista!»

Colombo ficou todo orgulhoso e feliz. Até que enfim as Índias! As pessoas amistosas que encontraram na praia deviam

ser indianos, ou, como lhes chamaram os marinheiros espanhóis, «índios!» Como sabes de certeza, Colombo estava enganado. Não estava sequer perto da Índia; estava era numa ilha ao largo da América. Por causa deste erro, ainda hoje chamamos «Índios» aos nativos da América e «Índias Ocidentais» às ilhas onde Colombo desembarcou. A Índia verdadeira (ou Índias Orientais) ainda estava a uma longa distância, muito maior do que a que os separava de Espanha. Para chegar à Índia Colombo precisava de, pelo menos, mais dois meses, e era provável que ele e a tripulação acabassem por perecer sem nunca atingirem o objectivo. Mas Colombo estava convencido de que tinha chegado às Índias e tomou posse daquela terra em nome da Coroa espanhola. Mais tarde, por altura das últimas viagens que realizou, continuava a insistir que as terras descobertas por ele eram as Índias. Não conseguia admitir que a grandiosa ideia que tivera estava errada, e que a Terra era muito maior do que ele imaginava. A rota terrestre para as Índias era de longe mais curta do que a viagem através do oceano Atlântico e do Índico. Só conseguia pensar em ser vice-rei das Índias, a terra dos seus sonhos.

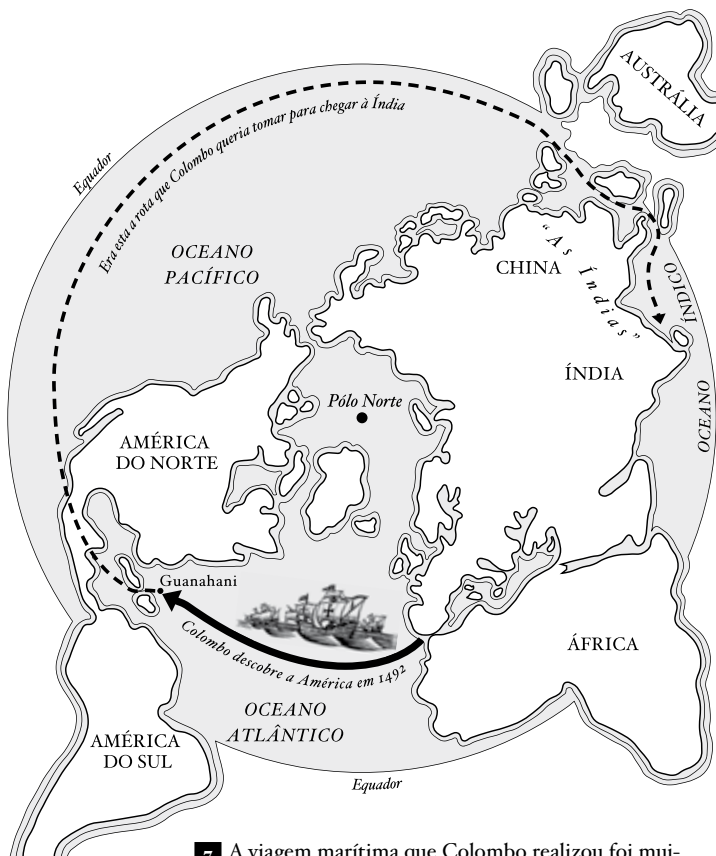
Se calhar já sabes que é a partir desta data, 1492 — o ano em que o caprichoso aventureiro Cristóvão Colombo descobriu por acaso a América só porque esta se encontrava no seu caminho —, que se diz ter começado a Idade Moderna. A data escolhida para marcar o princípio da Idade Média, 476, talvez pareça uma escolha mais óbvia. Foi nesse ano que caiu o Império Romano do Ocidente, assim como o seu último imperador, aquele que tinha um nome curioso: Rómulo Augústulo. Mas em 1492 não havia ninguém, nem sequer Colombo, que imaginasse que a viagem por ele realizada podia ter mais consequências do que descobrir-se uma fonte de ouro em terras desconhecidas.

É claro que, ao regressar, Colombo foi recebido como um herói. Mas durante as últimas viagens que realizou, a ambição, a ganância e a imaginação desgovernada de Colombo tornaram-no tão impopular que o próprio rei mandou deter o seu

vice-rei e almirante e trazê-lo acorrentado das Índias Ocidentais. Colombo guardou essas correntes para o resto da vida, mesmo depois de ter voltado a cair nas graças do rei, de voltar a possuir honra e riquezas. Foi um insulto que nunca havia de esquecer ou perdoar.

Os primeiros navios espanhóis em que viajaram Colombo e os seus companheiros descobriram apenas ilhas, com habitantes simples e de bom carácter que nada tinham para lhes oferecer. A única coisa que interessava aos aventureiros espanhóis era descobrir a fonte dos anéis de ouro que alguns desses habitantes usavam no nariz. Os nativos fizeram sinal para oeste, e assim se descobriu a América. No fundo, os Espanhóis andavam era à procura da terra imaginária do Eldorado. Estavam convencidos de que ela existia e imaginavam cidades inteiras cobertas de ouro. Estes conquistadores, como lhes chamavam, que partiam de Espanha em busca de novas terras para o rei e para se enriquecerem com o saque, eram tipos duros, não muito diferentes de piratas. Motivados por uma ganância insaciável que os levava para aventuras cada vez mais loucas, exploravam e enganavam os nativos sempre que podiam. Não havia nada que os fizesse parar, nem meios que fossem demasiado atrozes quando se tratava de encontrar ouro. Eram de uma bravura mas também de uma crueldade indescritíveis. O mais triste é que estes homens não só diziam que eram cristãos como afirmavam que todas as atrocidades cometidas contra os infieis eram pelo bem da cristandade.

Houve um conquistador em especial, Fernando Cortez, que fora estudante de direito e tinha uma ambição desmedida. Queria avançar para o interior daquelas terras e capturar todos os tesouros lendários que se dizia lá existirem. Em 1519, partiu da costa à cabeça de 150 soldados espanhóis, treze cavaleiros e alguns canhões. Os Índios nunca tinham visto um homem branco, e muito menos cavalos. Aterrorizados pelos canhões, ficaram convencidos de que os salteadores espanhóis eram poderosos feiticeiros, ou até mesmo deuses. Ainda assim,



**7** A viagem marítima que Colombo realizou foi muito mais curta do que ele tinha pensado. Para comparar melhor as duas distâncias, olha para o globo como se estivesses no Pólo Norte.

fizeram muitas tentativas corajosas para se defender: de dia, atacavam quando os soldados estavam em marcha, à noite, atacavam os acampamentos. Desde o princípio, Cortez vingava-se de forma terrível, pegava fogo às aldeias e matava índios aos milhares.

Passado pouco tempo, surgiram mensageiros do poderoso rei de um reino mais para o interior. Imploraram-lhe que



## Homens e máquinas



Metternich e os líderes devotos da Rússia, da Áustria, de França e de Espanha conseguiram fazer com que a vida voltasse a ser como era antes da Revolução Francesa, pelo menos à superfície. Voltou a instalar-se todo aquele esplendor e cerimónia das cortes, onde a nobreza se exibia, de peito coberto de medalhas e condecorações, e exercia muita influência. Os cidadãos foram excluídos da política, o que agradou a muitos deles. Ocupavam-se da família, de livros e, acima de tudo, da música. Nos cem anos anteriores, a música, que em tempos antigos servia mais para acompanhar a dança, canções e hinos, passou a ser uma arte que, mais do que todas as outras, apelava às pessoas. Contudo, este período de tranquilidade, esta época dominada pelo cidadão de classe média administrativo ou profissional, era só o lado visível das coisas. Havia um princípio do Iluminismo que Metternich não conseguia abafar, nem sequer pensou em fazê-lo. A ideia partira de Galileu: devia estudar-se a natureza de uma forma racional e matemática, o que muito agradou às pessoas na altura do Iluminismo. Na realidade, este aspecto menos conhecido do Iluminismo provocou uma revolução muito maior e atingiu os antigos costumes e instituições de uma forma muito mais fatal do que os jacobinos parisienses com a sua guilhotina.

Quando as pessoas passaram a dominar a matemática da natureza, não só começaram a compreender as forças naturais como também a usá-las. Essas forças estavam agora dominadas e podiam ser postas ao serviço da humanidade.

apoderou-se da Rússia soviética e o sistema político entrou em colapso, como nos outros países da Europa de Leste.

Acabei a história da Primeira Guerra Mundial com as palavras: «Todos nós temos esperança de que o futuro seja melhor, só pode ser melhor!» Será que esse futuro já chegou? Para muitos dos habitantes do planeta Terra, esse futuro ainda está muito longe. Entre as populações cada vez mais numerosas da Ásia, da África e da América do Sul reina a miséria que, até há pouco tempo atrás, era aceite como normal nos países ocidentais. Não há soluções fáceis porque nestes casos, como sempre, a intolerância e a miséria andam de mãos dadas. No entanto, os avanços na circulação da informação fizeram com que a consciência das nações ricas passasse a estar mais atenta. Sempre que um tremor de terra, uma inundação ou uma seca num país distante faz muitas vítimas, há milhares de pessoas nos países mais ricos que dão dinheiro e fazem esforços para enviar ajuda. Também isso não costumava acontecer no passado. Assim se prova que ainda temos direito à esperança num futuro melhor.

# Índice Remissivo

- AACHEN: 159, 218  
Abdullah: 147  
Abednego: 124  
Abissínia: 147  
Aboukir: 270  
Abraão: 43, 50-1, 147, 149  
Abu Bakr: 151  
Acrópole: 75-6, 313  
Adolfo, Gustavo: 230, 232, 247  
África: 30, 35-6, 42, 55, 104, 107,  
114-5, 131-2, 152, 206, 252, 270,  
295, 307-9, 322, 328  
Agamémnon: 56  
Agostinho, Santo: 215  
Aix-la-Chapelle  
  *ver* Aachen: 159  
Ájax: 56  
Akhenaton: 41, 57  
Alá: 146, 149-51  
Alamanos: 135, 143, 157  
Alarico, rei: 134  
Albaneses: 300  
Albany: 281  
Alcorão: 150-1, 270  
Alemanha: 14-5, 17, 29, 30, 116, 127,  
129, 135, 144, 152, 156-4, 166-7, 171,  
176-81, 183-5, 189, 191, 193, 195,  
197, 202-3, 206, 214-8, 221, 225,  
229-32, 236, 241, 243, 245, 248, 250,  
255, 257, 269, 271-6, 285, 297-304,  
308-12, 318, 320-1, 324, 327  
Alemão, Império: 188, 218, 246,  
298, 304  
Alexandre, o Grande: 101-3, 112, 153,  
175-6, 207, 270  
Alexandria: 95, 99-100, 125-6, 151  
Alexandria, Biblioteca de: 100, 151  
Aliados: 323  
Alpes, travessia dos: 310  
Alsácia: 304  
América: 60, 209-10, 214, 218, 226,  
227-8, 232, 237, 246, 252, 257, 270,  
281, 289, 294, 296-7, 300, 307, 317,  
323, 326-8  
América, Estados Unidos da: 281,  
296, 311, 318, 321-2  
América Latina: 300  
Anabaptistas: 220  
Anglos: 143  
Aníbal: 105-9, 167, 301, 310  
Anticristo: 184  
Antigo Testamento: 50, 53, 235  
Antiguidade: 87, 137, 142, 158, 164,  
179, 192, 198-9, 202, 207, 270, 295  
Antonietta, Maria: 256, 260, 263,  
265  
Anúbis: 37, 52  
Apolo: 71-2, 90, 239, 240  
Aquiles: 56  
Árabes: 146-7, 151-7, 168, 176,  
183-4, 207, 225, 244, 313  
Arábia: 146-7

- Aragão, Catarina de: 221  
 Aristóteles: 92, 98, 153, 176, 195, 200  
 Arles: 129  
 Armada Invencível: 227, 312-3  
 Armínio: 128  
 Arquitetura: 69, 76  
 Artur, rei: 175  
 Árvore da Iluminação: 81  
 Ásia: 30, 42, 60, 63, 65, 86, 94-5, 99, 110, 131-2, 175, 181, 185, 206, 243, 250, 289, 307, 309, 324, 328  
 Ásia Menor: 60, 63, 65, 94-5, 99, 131-2, 175, 181, 206, 243  
 Aspern: 272  
 Assembleia do Povo: 102  
 Assembleia Nacional: 263-4  
 Assíria: 85, 95  
 Assírios: 43-4, 46, 52, 58, 62  
 Astarte: 46, 49  
 Atálidas: 99  
 Atena: 60  
 Atenas: 60, 63-6, 69, 72-5, 90-1, 98-9, 121, 134-5, 197, 199, 201  
 Ática: 60  
 Átila: 135-6, 157, 159, 175  
 Atlântico, oceano: 129, 209, 279  
 Augusto, César Octaviano: 118, 120, 128, 134, 136, 199  
 Augústulo, Rômulo: 136, 209  
 Austerlitz: 271  
 Austrália: 270, 297, 307, 312  
 Áustria: 129, 157, 159, 163, 175, 188, 196, 204, 218, 221, 229-31, 244-6, 255-7, 263, 269, 271-3, 276, 278, 280, 287, 297-8, 300-3, 309-12, 318, 320  
 Austríaco, Império: 256, 297, 311  
 Ávaros: 157, 162-3, 185  
 Avinhão: 193, 196  
 BAAL: 46, 49, 52  
 Babel, Torre de: 50, 183, 313  
 Babenberg: 163  
 Babilónia: 43, 47, 50, 52-4, 59, 62, 85, 95, 98, 122, 193  
 Baco, *ver* Dioniso  
 Bagdade: 44, 160  
 Balança, Constelação de: 46  
 Balcãs: 322  
 Báltico, mar: 232  
 Barbarossa, Frederico: 177, 180-1, 186, 189, 191, 199  
 Bartolomeu, São: 225  
 Bastilha: 262  
 Bath: 129  
 Bávaros: 157, 220, 276  
 Baviera: 196, 255, 273-4, 298  
 Bélgica: 194, 218, 226, 266, 269, 278, 309, 322  
 Beneditinos: 12, 142  
 Bento, São: 145  
 Berezina, rio: 275  
 Berlim: 272, 298, 305, 324, 327  
 Berna: 159, 175, 204  
 Berna, Dietrich de, *ver* Teodorico, rei  
 Bíblia: 36, 43, 50-1, 120, 124-5, 142-3, 162, 176, 192, 195, 201, 217, 219, 220, 223, 235  
 Bismarck: 302-5, 308  
 Bizâncio: 132  
 Bloqueio Continental: 272  
 Blücher, general: 278, 281  
 Boa Nova: 122, 124, 131, 192  
 Boémia: 21, 188, 196, 217, 229, 231, 255, 303  
 Bohr, Niels: 324  
 Bolena, Ana: 221  
 Bonaparte, Napoleão: 267-81, 298  
 Borgonha, Ducado da: 204, 218  
 Bósnia: 309

- Bouillon, Godofredo de: 175-6  
 Brabante: 194  
 Brama: 79  
 Breslau: 185, 187  
 Bretanha: 116, 131-2, 134, 144, 257, 270-1, 281, 285, 291, 296-7, 307, 309, 321-2, 324  
 Britânicas, ilhas: 143  
 Britânicos: 257, 270, 272, 274, 278-9, 291-5, 322, 324  
 Bronze, Idade do: 33  
 Brunswick: 298  
 Bruto: 102, 117-8  
 Bucéfalo: 93  
 Buda: 80-3, 86, 88, 93, 130, 141, 223, 313  
 Budapeste: 243  
 Budismo: 22  
 Búlgaros: 300  
 Burgueses: 180, 182, 189-3, 195, 197, 204, 214, 226, 259, 287, 289  
  
 CAABA: 147-9  
 Caldeia: 50  
 Calvino: 221, 223  
 Cambises: 62-3  
 Cataláunicos, Batalha dos Campos: 136  
 Canal da Mancha: 168  
 Canas: 107  
 Canção dos Nibelungos: 175  
 Canossa: 167-8, 183  
 Cantão: 291  
 Canuto: 164, 169  
 Capeto, Hugo: 164  
 Capitólio: 113  
 Carlos, arquiduque: 272  
 Carlos, *o Temerário*: 204, 218  
 Carlos I de Inglaterra: 302  
 Carlos Magno: 156-66, 175, 199, 215, 272-3, 292, 313, 321  
  
 Carlos V da Alemanha: 196, 217-8, 221, 223, 225  
 Carlos XII da Suécia: 274  
 Carta de Liberdades *ver* Magna Carta  
 Cartagineses: 105-8, 183  
 Cartago: 104-5, 107-8, 114, 135, 313  
 Castelos: 172, 178, 190, 195-6, 246, 313-4, 327  
 Catão: 108, 264  
 Catarina, *a Grande*: 15, 259  
 Cativoiro Babilónico dos Papas: 193  
 Católica, Igreja: 220-1, 223-4, 229-30, 257, 263  
 Católicos: 223, 225-6, 229-30, 234  
 Cavalaria: 170, 177, 188, 313  
 Cavour, Camillo: 301-2  
 Cem Anos, Guerra dos: 194, 203  
 Cenis, Monte: 106  
 César, Gaio Júlio: 116-8  
 Chanceler de Ferro *ver* Bismarck  
 Checos: 298, 311  
 China: 23, 77, 83-8, 99, 109-10, 122, 128, 134, 162, 185, 203, 206-7, 289-92, 313, 317  
 China, Grande Muralha da: 110, 313  
 Chipre: 152  
 Churchill, Winston: 323  
 Cidade do Profeta (A), *ver* Medina  
 Cimbros: 115, 134  
 Cipião: 107  
 Ciro: 62  
 Cleópatra: 117  
 Clóvis: 143  
 Cnut, *ver* Canuto: 164  
 Coliseu: 127  
 Colombo, Cristóvão: 207-11

- Colónia: 129, 165  
 Companhia de Jesus,  
*ver* jesuítas  
 Companhias das Índias  
   Orientais: 228  
 Confederação, Estados da: 257,  
   294-5  
 Confederação Germânica: 298,  
   302  
 Confúcio: 86-9, 109-11, 289  
 Conímbriga: 129  
 Conradino: 185  
 Constança: 182, 217  
 Constantino, imperador: 132, 215  
 Constantinopla: 132, 134, 137-8,  
   152, 160, 175, 221, 226, 243-4,  
   246, 300  
 Contra-Reforma: 224  
 Controvérsia da Investidura: 166  
 Copérnico, Nicolau: 234  
 Coríntios: 121  
 Corinto: 92-3, 108  
 Córsega: 267-8, 271, 277  
 Cortez, Fernando: 210  
 Cossacos: 275  
 Creta: 58-60  
 Cristandade: 143, 160, 162-3, 165,  
   167-9, 175, 182, 185, 202, 210  
 Cristãos: 39, 83, 121-4, 127, 129,  
   131-2, 138, 141, 144, 147, 149, 152,  
   158-60, 166, 175-6, 183-4, 192,  
   207, 210, 226, 246, 295, 300, 313  
 Cristo, Jesus: 71, 80, 101, 120-1,  
   122, 124, 135, 142, 147, 149, 160,  
   175-6, 191, 216, 219, 224, 289  
 Croatas: 298  
 Cromwell: 236, 237  
 Cruzadas: 79, 176, 189, 191-2,  
   207, 298  
  
 DÁCIA: 129  
 Dacotas: 60  
  
 Dalmácia: 131  
 Daniel na Cova dos Leões: 124  
 Danton: 264, 265  
 Danúbio: 119, 126-30, 134, 175,  
   243  
 Dario: 63-5, 91, 98  
 Darlington: 281  
 David, rei: 51  
 Defenestração de Praga: 229  
 Delfos: 71-2, 90-1  
 Deli: 317  
 Demóstenes: 91  
 Deus: 41, 49-53, 79, 120-2, 124,  
   138, 141, 145-9, 160, 166, 173-5,  
   191-2, 194, 198, 216-7, 219-20,  
   235, 237, 253, 265, 273  
 Dez Mandamentos: 52  
 Diabo: 140, 232-3  
 Dilúvio: 51  
 Dinamarca: 250, 303, 322  
 Diocleciano: 131  
 Diógenes: 93  
 Dioniso: 76  
 Directório: 266, 268  
 Direitos Humanos: 262, 266, 295  
 Dórios: 60, 70, 72, 78, 100, 115,  
   157  
 Drácon: 73  
 Duque de Alba: 226  
 Dürer, Albrecht: 205  
  
 EGÍPTO, ANTIGO: 35-9, 42-3, 45,  
   47, 49, 51, 59, 62-3, 65, 78, 84,  
   94-5, 99, 117, 122, 131-2, 141,  
   151-2, 206, 243-4, 270, 307  
 Elba: 165, 276, 278  
 Eldorado: 210  
 Emigração (A), *ver* Hégira  
 Eneias: 101  
 Entente: 310  
 Eólios: 60, 70  
 Equador: 317

- Escócia: 226, 237  
 Escultura: 69, 118  
 Eslavos: 157, 159, 161  
 Eslovacos: 298, 311  
 Eslovenos: 298  
 Espanha: 129, 206-13, 218, 221, 225-7, 231, 237, 242-3, 272, 280, 300, 312  
 Esparta: 60, 72-3, 90, 99  
 Espártaco: 116  
 Estalinegrado: 323  
 Estilitas: 141  
 Estíria: 269  
 Estrasburgo: 241  
 Etzel: 159  
 Eufrates, rio: 42, 126  
 Eugénio de Sabóia, príncipe: 245  
 Europa: 35, 58, 162-3, 176, 182, 185, 187-9, 192, 203, 206-7, 214, 218, 228, 231, 237-8, 240-1, 243, 246-7, 250, 256, 263, 271-3, 276-7, 279, 281, 289-94, 297, 299-300, 305, 307, 309, 322-3, 326-8  
 Evangelho: 122, 131, 143-4, 216  
 Êxodo: 51  
 FARAÓ: 36-41, 51, 57, 63, 84, 95, 239  
 Fenícia: 94-5  
 Fenícios: 55, 58, 60-1, 86, 104, 112, 183, 192, 203, 227, 313  
 Fernando I da Áustria: 288  
 Fídias: 75  
 Filipe da Macedónia: 91  
 Filipe II de Espanha: 225-7, 243, 312  
 Filisteus: 51  
 Filosofia: 74-5, 121  
 Florença: 179, 197, 199-202, 205, 215, 313  
 Força Aérea Alemã: 323  
 França: 106, 116, 129, 143, 152, 156-7, 159, 161, 164, 168, 171, 175-6, 179, 181, 193-4, 197, 202, 206, 208, 214, 218, 221, 225, 228, 230-1, 237-8, 241-2, 246, 253, 255-6, 259-67, 269-76, 278, 280, 285, 287, 298, 300, 302, 304, 309, 312, 321-2  
 Francisco I da Áustria, imperador: 272-3, 297, 301, 303  
 Francisco I da França: 218, 223  
 Francisco José I da Áustria, imperador: 303  
 Francos: 135, 143-4, 146, 152, 156-60  
 Frankfurt: 298  
 Franklin, Benjamin: 257  
 Frederico, duque da Saxónia: 218  
 Frederico I da Prússia, *ver* Barbarossa, Frederico  
 Frederico, o Sábio: 219  
 Frederico Guilherme I da Prússia: 255  
 Frederico II da Prússia: 181-2, 184-6, 193, 255  
 Führer: 320  
 Fulton, Robert: 281  
 GABRIEL, ARCANJO: 147-8  
 Gaio Júlio César: 116  
 Gália: 116-7, 127, 132, 134-6, 143  
 Galileu Galilei: 234-5, 253, 280  
 Ganges: 96  
 Garibaldi: 301-2  
 Gaugamela, Batalha de: 95  
 Gautama, príncipe: 80-1  
 Gelo, Idade do: 31-2  
 Genebra: 221  
 Gengis Khan: 185  
 Génova: 179, 207  
 Alemanha: 131, 143-4

- Germanos: 116, 127-8, 134, 137, 144  
 Gladiadores: 116, 118, 127  
 Godos: 134, 137-8, 175, 192  
 Górdio, nó: 94  
 Grã-Bretanha: 144, 270-1, 281, 307, 309, 321-2  
 Graco, irmãos: 114  
 Granada: 207  
 Grécia: 56-8, 60, 63, 65-7, 70-2, 78, 90-1, 95, 99, 101, 108, 115, 132, 157, 206, 239, 243, 264  
 Gregório VII, papa: 166, 168, 182-3  
 Guelfos: 181  
 Guerra Civil Americana: 296  
 Guerra Mundial, Primeira: 317-8, 321, 327-8  
 Guerra Mundial, Segunda: 323-4  
 Guibelinos: 181  
 Guildas: 190, 197, 282, 287  
 Guilherme I da Prússia: 255, 302, 304  
 Guilherme II da Prússia: 169, 305  
 Guiscard, Robert: 168  
 Gutenberg: 203
- HABSBURGO, FRANCISCO DE,**  
*ver* Francisco I da Áustria,  
 imperador  
 Habsburgo, Maria Luísa de: 273  
 Habsburgo, Rodolfo de, *ver*  
 Rodolfo I da Alemanha: 189  
 Habsburgos, casa dos: 188, 204, 218, 229, 231, 255, 273  
 Hagen: 159  
 Hamurabi, Código de: 44  
 Hamurabi, rei: 44, 50-1, 58  
 Han: 110, 289  
 Hanôver: 298  
 Harun al-Rachid, califa: 160  
 Hastings, Batalha de: 169
- Héginga: 149  
 Heidelberg: 29-30  
 Helena de Tróia: 56, 279  
 Helvéticos: 116  
 Henrique, duque da Saxónia: 163, 218  
 Henrique IV da Alemanha: 166, 168, 171, 182-3  
 Henrique VIII de Inglaterra, rei: 221, 223, 226  
 Hércules: 239  
 Hieróglifos: 39-41, 44, 54, 57  
 Hildebrando: 166  
 Hiroxima: 325  
 Hispânia: 55, 104, 106-7, 117, 126, 131-6, 157, 206  
 Hitler, Adolf: 318-22, 324  
 Hofer, Andreas: 273  
 Hohenstaufen: 177, 181-2, 185, 188  
 Hohenzollern: 255, 272  
 Holanda: 214, 218, 226, 241, 246-7, 271, 322  
 Homero: 57, 60, 92  
 Hong Kong: 317  
 Hudson, rio: 20, 281  
 Huguenotes: 225  
 Hungria: 129, 136, 163, 185, 221, 229, 231, 243-5, 255, 297, 312  
 Hunos: 134-7, 157, 159, 162, 179, 185  
 Huss, João: 217
- IBÉRICA, PENÍNSULA:** 152, 207  
 Iconoclastas: 220  
 Idade Média: 137, 139-40, 189, 198, 205, 209, 232, 282, 287, 292, 300, 319  
 Idade Moderna: 209  
 Iluminado (O), *ver* Buda  
 Iluminismo: 253-5, 257, 259, 262, 276, 280, 319



- Império Otomano: 243
- Império Romano: 101, 115, 117, 119, 122, 126, 131-8, 140, 151-3, 156, 160-61, 199, 209, 221, 228, 243, 246, 272, 298
- Império Romano do Ocidente: 136-7, 209
- Independência Americana, Guerra da: 257
- Índia: 63, 77-8, 80, 86, 96, 98-9, 102, 141, 152, 172, 206, 209, 214, 226-8, 237, 246, 270, 281, 289, 297, 307, 317
- Índico, Oceano: 209
- Índios: 60, 209-2, 252, 294
- Indo, Vale e Rio do: 77, 96, 98
- Indochina: 307
- Indústria: 241, 324
- Inferno: 148, 150
- Inglaterra: 20-1, 44, 116, 129, 143, 158, 164, 168, 171, 176, 179, 181-2, 193-4, 202, 206, 214, 221, 226-8, 236-8, 246-7, 250, 253-4, 281-2, 284, 290, 294, 302, 313, 320-3
- Inocência III, papa: 182-3
- Inquisição: 235
- Iraque: 42, 44
- Irlanda: 143, 237
- Isabel de Castela: 208, 218
- Isabel I de Inglaterra, rainha: 226
- Ishtar: 46
- Ísis: 37, 49, 129
- Islão: 149
- Isolda: 175
- Israel: 51-2
- Isso, Cidade de: 30, 49, 63, 69, 82, 94, 141, 177, 179, 303
- Istambul: 65, 132
- Itália: 26, 35, 55, 101, 104, 106-9, 115, 117, 132, 134-41, 143, 157-9, 161, 165, 167-8, 176-84, 189, 193-4, 197, 199, 202-3, 206, 218, 238, 267-9, 271, 297-9, 301-2, 304, 308, 310, 321
- Ivan, o *Terrível*, czar: 246
- JACOBINOS: 264-5, 268
- Japão: 83, 289, 292-4, 308, 321, 325-6
- Japoneses: 292-4, 308, 321-2, 324
- Jerusalém: 51-2, 54-5, 62, 124, 160, 175-6, 184, 191, 298, 317, 319
- Jerusalém, Templo de: 52
- Jesuítas: 224, 233, 289, 320
- Joana D'Arc: 194
- João de Inglaterra: 236
- Jogos Olímpicos: 71
- Jónicas, ilhas: 60
- Jónios: 60, 70, 74, 100, 157
- José, filho de Jacob: 51
- José II da Áustria, imperador: 257, 261
- Josué: 235
- Judeia: 52
- Judeus: 50, 52-4, 62, 112, 120, 122, 124, 147, 192-3, 201, 313, 319
- Júlio César: 116-8
- Júpiter: 113
- Justiniano: 138
- Justiniano, Corpo de Leis Civis: 138
- KARA MUSTAFÁ, GRÃO-VIZIR: 244
- Königgrätz, Batalha de: 303
- Kremlin: 275
- Kriemhild: 175
- Kung Fu-Tsé, *ver* Confúcio
- Kyffhäuser, montanhas: 186
- LAO-TSÉ: 88, 109
- Lapónia: 32
- Leão, o Grande, papa: 136, 163
- Leipzig: 276

- Lenine: 311, 320  
 Leoben: 269  
 Leonardo da Vinci: 200, 233-4, 310  
 Lepanto, Batalha de: 226  
 Licurgo: 72  
 Limes: 128  
 Lincoln, Abraham: 295-6  
 Línguas indo-europeias: 77  
 Linz: 244  
 Lohengrin: 175  
 Lombardia: 139  
 Lombardos: 139, 157, 160, 165  
 Londres: 19, 37, 40, 312  
 Lorena: 304  
 Lorenzo de' Medici: 202  
 Loyola, Inácio de: 223-4  
 Luftwaffe: 323  
 Luís XIV de França, rei: 238-43, 245, 282, 314  
 Luís XV de França, rei: 259  
 Luís XVI de França, rei: 256, 259, 261, 263-4, 278, 302  
 Luís XVIII de França, rei: 278, 287  
 Luteranos: 220, 223  
 Lutero, Martinho: 215-24, 313  
 Luxemburgo: 196
- MACEDÓNIA: 91, 132  
 Macedónios: 90-1, 99  
 Magiares: 163-4, 185  
 Magna Carta: 182, 236-7  
 Mainz: 165, 181, 186  
 Manfredo: 185  
 Manifesto Comunista (O): 287  
 Maomé: 146-52, 270, 320  
 Maratona: 64-6, 68  
 Maratona, Batalha de: 69  
 Marco Aurélio: 130, 134  
 Maria Luísa de Habsburgo: 273  
 Maria Teresa da Áustria, imperatriz: 256-7, 260, 314
- Mário: 115, 131  
 Marne, Rio: 310  
 Marte: 47, 101-2  
 Martel, Carlos: 152, 154, 156, 245  
 Marx, Karl: 285-7, 305, 311  
 Mary Stuart: 226, 236  
 Maxêncio: 132  
 Maximiliano de Habsburgo: 204-5, 217  
 Máximo, Quinto Fábio: 107  
 Mazarin, cardeal: 238  
 Meca: 147-52  
 Medici: 201-2, 215  
 Medina: 149-50  
 Médio Oriente: 42  
 Mediterrâneo, mar: 206  
 Menelau: 56  
 Menés, faraó: 35-6, 41, 51  
 Mercenários: 105, 205  
 Mérida: 129  
 Merovíngios: 146, 152, 156, 292  
 Mesaque: 124  
 Mesopotâmia: 42-5, 49, 51, 55, 62, 77, 99, 160, 206, 243-4  
 Messias: 52, 125, 192  
 Metternich: 276, 279-81, 287  
 México: 212-3, 303, 313, 317, 323  
 Micenas: 57, 59-60  
 Migrações: 135, 140, 143, 152, 157, 159, 313  
 Mikado: 293  
 Milão: 179-80  
 Milcíades: 64-5, 68, 74  
 Mil e Uma Noites (As): 153-4  
 Minotauro: 59  
 Mirabeau: 261  
 Mitra: 129  
 Mohenjo-Daro: 77  
 Moicanos: 60  
 Moisés: 51, 124, 149  
 Mongóis: 185, 187  
 Montezuma: 212-3

Morse, Samuel: 282  
 Moscovo: 274-5, 314  
 Munique: 298  
 Murten: 204  
  
 NABUCODONOSOR: 47, 52, 73,  
 99  
 Nagasáqui: 325  
 Napoleão, Código: 271  
 Napoleão III da França,  
 imperador: 298, 301-4  
 Nápoles: 185, 271-2  
 Neander, vale de: 29  
 Neandertal, Homem de: 30  
 Negro, Mar: 132, 295  
 Nelson, almirante: 270, 272  
 Nero, imperador: 122-4, 127,  
 192, 235, 246  
 Nestor, o Sábio: 56  
 Nilo, Rio: 35-6, 38, 40, 95,  
 126  
 Nîmes: 129  
 Nínive: 43, 95, 160  
 Nirvana: 82  
 Noé: 51  
 Normandia: 161, 168-9, 324  
 Norte, Mar do: 165  
 Norte, Pólo: 211  
 Noruega: 164, 249-50, 322  
 Nova Iorque: 281, 317  
  
 OCIDENTE: 96, 132, 134, 136-7,  
 141, 209, 246  
 Odin: 144  
 Odoacro: 137  
 Oeste Americano: 60  
 Olímpia: 70-1  
 Olimpíadas: 71, 101, 149  
 Omar, califa: 151-2  
 Oriente: 42, 68-9, 80, 85, 95-6,  
 98, 132, 137-8, 151-3, 160, 176,  
 189, 206-7, 221, 243, 246, 270  
  
 Ostrogodos: 137-8  
 Otto, *o Grande*: 163-5  
 Otto II, rei: 163  
  
 PACÍFICO, OCEANO: 308  
 Pagens: 172  
 Países Baixos: 144, 218, 221, 226  
 Palestina: 95, 120, 132, 141, 151,  
 175, 206, 243  
 Papin, engenheiro: 281  
 Paquistão: 77  
 Paraíso: 123, 150  
 Paris: 179, 195, 240, 243, 262-5,  
 268-70, 275-6, 278, 287, 304,  
 309-10, 312, 314  
 Páris: 56  
 Parlamento: 218, 236, 295, 302  
 Parménio: 95  
 Parsifal: 175  
 Passau: 165, 244  
 Paulo, São: 121-2  
 Pearl Harbor: 322  
 Pedra, Idade da: 31, 33  
 Pedro, *o Grande*, czar: 246-8, 250  
 Peloponeso: 60, 90  
 Peloponeso, Guerra do: 90  
 Penélope: 56  
 Pepino, rei: 156-7  
 Pequim: 185, 292, 314  
 Péricles: 74, 76, 90, 135, 198, 201  
 Persas: 62, 64-9, 72, 74, 76-7,  
 94-5, 98, 132, 153-4  
 Pérsia: 63, 91, 94-5, 98-9, 122, 131,  
 151-2, 185, 250  
 Pérsico, golfo: 42-3, 50  
 Piemonte: 301  
 Pilatos, Pôncio: 120  
 Pintura: 38-9, 59, 69, 75, 196, 202  
 Pirâmides: 37, 42, 51, 270, 312-3  
 Pirro: 104  
 Pisa: 179  
 Plateia, Batalha de: 68

- Poesia: 69, 76, 92, 103, 118, 174, 183, 292  
 Poitiers, Batalha de: 152, 245  
 Polacos: 298, 312  
 Polónia: 185, 248-9, 322  
 Pólvora: 203, 205, 292  
 Poros, rei: 96  
 Portugal: 129, 206, 312  
 Portugueses: 214  
 Praga: 195-6, 217, 229  
 Pré-História: 30-3, 42, 137  
 Príamo, rei: 56  
 Protestantes: 220, 225-6, 229-33, 235-6, 243, 255, 257  
 Províncias romanas: 112  
 Prússia: 255-6, 263, 271, 274, 298, 302-4  
 Prussianos: 272, 302  
 Ptolomeus: 99  
 Púnicos: 104  
 Puritanos: 236
- QIAN LONG: 290  
 Qin Shi Huangdi: 109-11, 128  
 Quéops, faraó: 36, 38, 40, 43  
 Quéops, Grande Pirâmide de: 36, 43  
 Queroneia, Batalha de: 91  
 Queruscos: 128
- RAFAEL: 216  
 Ravena: 137-8  
 Razão: 265  
 Reforma: 217, 224  
 Regensburg: 129  
 Reinado do Terror: 265  
 Remo: 101  
 Renascimento: 199, 232, 252  
 Reno, rio: 116, 119, 127-9, 134-5, 165, 232, 269, 303  
 Revolução Francesa: 266, 268, 280, 282, 304
- Ricardo, Coração de Leão, rei de Inglaterra: 181  
 Richelieu, cardeal: 231-2, 237-8  
 Robespierre: 264-5, 268  
 Rodolfo I da Germânia: 189  
 Rodolfo IV, *o Fundador*: 196  
 Roma: 101-8, 112-7, 121-30, 132, 134, 136, 138, 144, 149, 159-60, 166, 193, 199, 202, 215, 218, 264, 271-3, 302, 304, 312, 321  
 Romanos: 77, 101-8, 112-8, 122, 124, 127-30, 134, 140-1, 149, 153, 156, 158, 179, 183, 192, 202-3, 252, 313  
 Roménia: 129, 131  
 Rómulo: 101, 136, 209  
 Roseta, Pedra de: 40  
 Roundheads: 236  
 Rússia: 246-9, 256, 259, 271, 274-75, 280, 298, 300, 308-9, 311, 320, 322, 324, 328  
 Russo, Império: 300, 307
- SAARA, DESERTO DO: 307  
 Sabóia: 245  
 Sacro Império Romano-Germânico: 160-1, 272, 298  
 Sadraque: 124  
 Sagradas Escrituras: 191  
 Salamanca, Universidade de: 208  
 Salamina, Batalha de: 69  
 Salamina, Ilha de: 66, 69, 76  
 Salomão: 51-2, 55, 59  
 Salzburgo: 129  
 Samarcanda: 95  
 San Geronimo de Yuste, Mosteiro de: 221  
 Santa Helena, ilha: 279  
 Santa Sofia, Catedral de: 138  
 Santo Graal: 175  
 Santo Sepulcro: 183, 298

- São Pedro, Igreja de: 215, 232, 312-3  
 São Petersburgo: 247  
 Sarajevo: 309  
 Sardenha: 301  
 Saul, rei: 51  
 Saxões: 143, 158, 220  
 Saxónia: 163, 218, 255, 257, 274, 298  
 Schliemann: 57-8  
 Schönbrunn, Palácio Imperial de: 273, 297  
 Sedan: 17, 304  
 Segunda Guerra Mundial: 323, 324  
 Selêucidas: 99  
 Sena, Rio: 281  
 Sérvia: 309  
 Sérvios: 298, 309  
 Sete Anos, Guerra dos: 257  
 Sibéria: 185, 300  
 Sicília: 90, 104-7, 135, 152, 168, 181-6, 193  
 Siegfried, o Matador de Dragões: 159, 175  
 Sila: 115, 131  
 Silésia: 256-7  
 Siracusa: 90  
 Sobieski, Jan: 245  
 Solimão, *o Magnífico*, sultão: 243  
 Sólon: 73  
 Sri Lanka: 83  
 St. Germain, Palácio de: 312, 321  
 Stephenson, George: 281  
 Stockton: 281  
 Stralsund: 248-9  
 Suábia: 196  
 Sudeste Asiático: 83  
 Suécia: 164, 230, 232, 241, 247-9, 255-6, 271, 274  
 Suecos: 230  
 Suevos: 135, 157  
 Suíça: 116, 188, 204, 266  
 Sumérios: 43-4, 46-7, 77  
 Svatopluk: 161  
 Sydney: 317  
 TAIPING, REVOLUÇÃO: 291  
 Tamisa, Rio: 37  
 Tao: 88-9  
 Tariq, general: 152  
 Tarquínio, *o Soberbo*: 102  
 Tártaros: 244  
 Távola Redonda, Cavaleiros da: 175  
 Teatro: 69, 76  
 Temístocles: 66, 68, 74, 199, 264  
 Teodora (esposa de Justiniano): 138  
 Teodorico, rei: 137-8, 159, 175  
 Termópilas, Batalha de: 66, 72  
 Teutoburgo, Batalha da Floresta de: 128  
 Teutões: 77, 115, 134  
 Tibete: 83  
 Tigre, Rio: 42  
 Tiro: 54-5, 94  
 Tirol: 224, 273, 298, 310  
 Tito: 124  
 Toulon: 268  
 Tours: 152, 245  
 Tours, Batalha de: 152  
 Trafalgar, Batalha de: 272  
 Trajano: 129-30, 134  
 Trento, Concílio de: 224  
 Trevas, Idade das: 140  
 Trianon: 312  
 Tribunal do Povo: 264  
 Tribunal Revolucionário: 264, 266  
 Trier: 129, 165, 285  
 Trinta Anos, Guerra dos: 231, 233, 236-7, 243, 247, 255, 314, 317  
 Tristão: 175

- Tróia: 56-8, 101, 123, 175  
 Tróia, Guerra de: 175  
 Turco, Império: 299  
 Turcos: 221, 225, 243-6, 248, 251, 300, 314  
 Turquia: 248-50, 300, 309
- ULISSES: 56, 60  
 Ur: 43, 50-1, 77  
 Ursa Maior: 46, 141
- VÂNDALOS: 135  
 Veneza: 179, 243, 252  
 Venezianos: 300  
 Vénus: 47, 56  
 Verona: 179  
 Versalhes: 240-1, 243, 263, 304, 312, 314, 321  
 Versalhes, Tratado de: 321  
 Vespasiano: 124  
 Vestefália: 273  
 Victor Emanuel, rei: 301  
 Viena: 19, 21, 27, 129-30, 175, 196, 221, 229-30, 243-6, 255, 269, 272-3, 276, 278-9, 287, 297, 314, 320  
 Viena, Universidade de: 19, 320  
 Vikings: 161, 206
- Vindobona: 130  
 Visigodos: 134, 136, 152
- WACHAU: 163  
 Wagram: 273  
 Wallenstein: 230-1  
 Wartburg: 219-20  
 Washington, George: 257  
 Waterloo: 278  
 Watt, James: 281  
 Welf: 181  
 Wellington, duque de: 278  
 Westminster: 237  
 Widukind: 158  
 Wilson, presidente: 311-2, 318  
 Wittenberg: 215, 218  
 Worms, Dieta de: 218  
 Württemberg: 196
- XANGAI: 291  
 Xerxes: 65, 68, 91
- YBBS: 129
- ZEDEQUIAS, REI: 52  
 Zeus: 70  
 Zurique: 220  
 Zwingli: 220, 223

## O Autor

E.H. Gombrich nasceu em Viena, em 1909, e faleceu no dia 3 de Novembro de 2001, em Londres. Autor do clássico internacional *A História da Arte* e de outros *bestsellers*, foi talvez o historiador de arte mais conhecido do seu tempo.

Em 1936 foi trabalhar para Londres a convite do Instituto Warburg, de que mais tarde se tornou director. Também trabalhou para a BBC e foi professor de História da Tradição Clássica na Universidade de Londres.

Entre as muitas honras com que foi agraciado, estão o Prémio Erasmo, o Prémio Hegel, o Prémio Wittgenstein e o Prémio Goethe. Em 1972 foi armado cavaleiro e, em 1998, recebeu a Ordem de Mérito da Grã-Bretanha.